

ECONOMIA

Como o Nordeste supera a pós COVID



POLÍTICA

Sudene elenca ações para resolver futuro



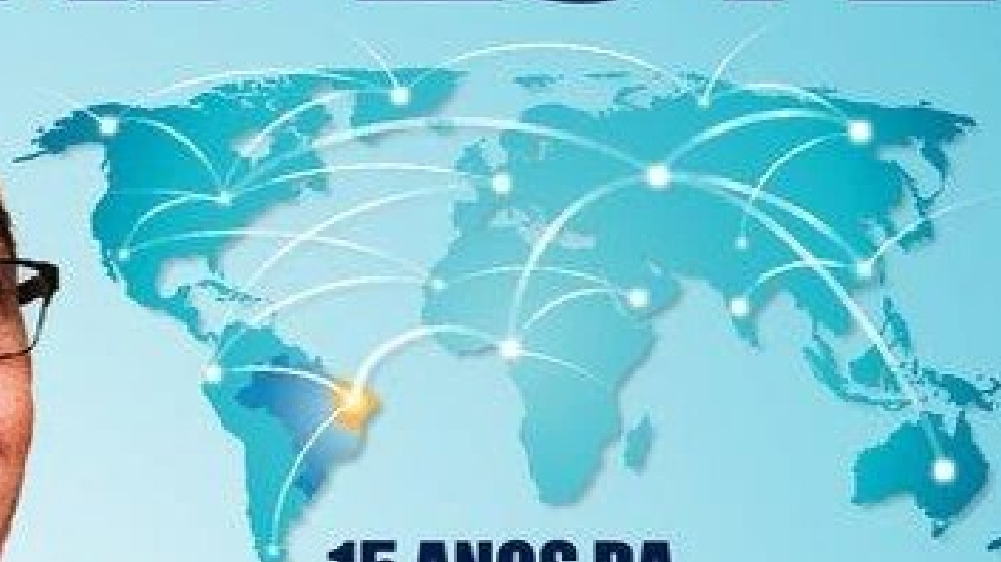
EXCLUSIVO

Biden anuncia ações para os nove estados



revistanordeste.com.br

NORDESTE



**15 ANOS DA
REVISTA NORDESTE**

**A EVOLUÇÃO NO
MUNDO EXIGE ÉTICA
E MAIS INOVAÇÃO**

Nova fase projeto BRNORDESTE



WALTER SANTOS
Publisher da Revista NORDESTE



PARA ONDE CAMINHA A PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO NORTE E NORDÊSTE DIANTE DA EXPECTATIVA DE MERCADO

Novabio projeta depois de estagnação a possibilidade de 53 milhões de toneladas para reaquecer o segmento

Por **ETIENE RAMOS**

Depois de duas safras praticamente iguais em volumes de produção de cana de açúcar, etanol e açúcar, a Associação dos Produtores de Açúcar, Etanol e Bioenergia do Norte e Nordeste - Novabio, prevê estabilidade e continuidade na safra 2021/2022 que começa a ser colhida em julho e vai até agosto de 2022, com variações em alguns Estados do Norte e Nordeste tanto na colheita quanto na moagem.

Enquanto nas safras 2019/2020 e 2020/2021 foram produzidas 52,1 milhões e 5,9 milhões de toneladas de cana, para a próxima safra, a estimativa da Novabio é manter a média e chegar a 53 milhões de toneladas, das quais 45,6 milhões serão do Nordeste e 7,0 milhões de toneladas do Norte.

A produção de açúcar deve chegar a 2,9 milhões de toneladas e 1,7 milhão delas serão destinadas ao mercado externo. Já para o etanol, a expectativa é atingir 2,2 bilhões de litros, dos quais 900 milhões de etanol anidro e 1,3 bilhão de etanol hidratado. As estimativas para esses produtos permanecem muito próximas dos números das duas safras anteriores.

Para o presidente da Novabio e do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Álcool de Pernambuco (Sindaçúcar-PE), Renato Cunha, a previsão é conservadora e está abaixo do potencial do Nordeste que tem como meta aumentar a produção entre 10% e 15% daqui a cinco ou dez anos, atingindo 60 milhões de toneladas de cana.



Renato Cunha, presidente da Novabio aponta projeções

IRRIGAÇÃO PARA INCREMENTAR A PRODUTIVIDADE

A estabilidade em relação às safras recentes, segundo o presidente, é resultado dos investimentos em irrigação que, no Nordeste, alcançam cerca de 10% das áreas cultivadas com cana, o que equivale a aproximadamente 100 mil hectares irrigados. “Estamos avançando para diminuir a dependência das chuvas. O Nordeste tem pluviosidade, tem chuvas, mas são mal distribuídas; a distribuição não é mensal, principalmente na época de crescimento da cana”, observa.

Para aumentar a produtividade e a longevidade dos canaviais, Renato Cunha defende o desenvolvimento de um programa hídrico que possa potencializar o uso racional da água com a construção de barragens que retenham o excesso de chuvas, evitando desperdícios.

Segundo ele, a agricultura da cana, a agroenergia do Nordeste, com produção de açúcar, de energia de biomassa, de etanol e futuramente do hidrogênio verde (H2V) a partir do etanol, é muito resiliente em função das oscilações, alternâncias e intempéries climáticas.

“É preciso avançar na irrigação para depender menos dessas alterações e para isso a Novabio vem conversando com a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, para que possamos formular um programa de irrigação de cana no Nordeste que venha dar mais longevidade aos canaviais com melhores índices de produtividade, sem quedas durante as secas”, declara Cunha.

Da sua parte, as usinas estão investindo em inovação, procurando usar a irrigação e fazer uma agricultura mais biológica, desenvolvendo sementes e cultivares de cana mais apropriados ao sistema de produção mais rústico no Nordeste por causa das secas.

“Precisamos crescer porque há mercado”, afirma o presidente da Novabio.

Para o setor sucroalcooleiro, as oportunidades estão em expansão em todo o mundo. Nos combustíveis há espaço para o etanol hidratado, que concorre com a gasolina, um produto fóssil e o etanol anidro que melhora a qualidade da gasolina. Na área de alimentos, os mercados interno e externo estão de portas abertas e, segundo Renato Cunha, neste momento de pandemia os mercados asiáticos procuram investir em segurança alimentar adquirindo grãos, açúcar e commodities para ter regularidade de suprimento alimentar.